



**“A Arte da Guerra de Sunzi” (séc. IV aec.):  
um livro sobre guerra e geopolítica do Período de Estados  
Combatentes (sécs. V–III aec.) da China Pré-Imperial**

João Alves de Souza Neto <sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho visa apresentar os resultados alcançados na dissertação de mestrado intitulada “O caminho geopolítico de ‘A arte da guerra de Sunzi’: produção do espaço, geopolítica e guerra no Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.) da China Antiga” defendida em 2020. Na introdução, iniciamos apontando as traduções e interpretações contemporâneas do “Sunzi”. Em seguida, descrevemos as questões e desafios que envolveram a pesquisa desde seu início. Na parte sobre a fundamentação teórico-metodológica, discutimos brevemente as teorias, as fontes e os métodos de abordagem da pesquisa, informando que nos vinculamos às discussões materialistas-histórico-dialéticas da historiografia e da interpretação. Por fim, na apresentação dos resultados e na sua discussão, mostramos um resumo dos pontos principais de nosso trabalho. O livro “A Arte da Guerra de Sunzi” é uma obra clássica sobre estratégia bélica tanto na China quanto alhures pois ela trata da guerra em um contexto onde a economia e a geopolítica são fundamentais para a reprodução histórica da sociedade.

**Palavras-chave:** História da Geografia, História Militar, Geografia Histórica, China Antiga, Interculturalidade.

**ABSTRACT**

This paper aims to present the results achieved in the master's thesis entitled “Sunzi's "Art of War" geopolitical way : production of space, geopolitics and warfare in the Warring States period (V-III bce.) of Ancient China” defended in 2020. In the introduction, we begin by pointing out contemporary translations and interpretations of the “Sunzi”. We then describe the questions and challenges that have involved the research since its inception. In the part about the theoretical-methodological foundation, we briefly discuss the theories, sources and methods of approaching the research, informing that we are linked to the materialist-historical-dialectic discussions of historiography and interpretation. Finally, in the presentation of the results and in their discussion, we show a summary of the main points of our work. The book “Sunzi's Art of War” is a classic work on war strategy both in China and elsewhere as it deals with war in a context where economics and geopolitics are fundamental to the historical reproduction of society.

**Keywords:** History of Geography, Military History, Historical Geography, Ancient China, Interculturality.

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas, e-mail: <joaosouzacontato@gmail.com>. Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Vitte (IG-UNICAMP).



## INTRODUÇÃO

Em nossa dissertação de mestrado (SOUZA NETO, 2020), procuramos investigar como uma obra da China Antiga não somente elaborava questões geográficas como problemas geopolíticos tendo como tema central a guerra de conquista e defesa territorial e suas implicações econômicas, políticas e sociais. Essa obra clássica chinesa trabalha sobre a questão, podemos afirmar, que levou os territórios da Planície Central Chinesa a se unificarem, formando posteriormente o Império Chinês (sécs. III aec. – séc. XX): a produção de um espaço regional que superasse os modos de produção localizados do espaço, isto é, os territórios que estavam em guerra durante o Período de Estados Combatentes (sécs. V–III aec.) da China Pré-Imperial.

Nesse trabalho, procuramos contornar as dificuldades de se trabalhar com uma obra fora do cânone geográfico, que notadamente é de matriz europeia, apresentando uma solução intercultural para a História da Geografia (e, conseqüentemente, para a História da Ciência, da Técnica e da Filosofia): a obra elabora um problema histórico que está configurado como um problema geopolítico, mesmo que este, nos termos em que ocorre, lhe ocorra como que por trás das costas (NOBRE, 2018), longe de sua consciência imediata. Ao tratar das questões militares, bélicas e econômicas, mobiliza necessariamente questões geopolíticas. Nesse sentido, nossa dissertação apresenta uma tese tanto em Geografia Histórica, colocando o problema do período anteriormente referido como um problema geográfico-geopolítico, como em História da Geografia, dado que esta obra, enquanto obra configurada pela questão geográfica, se torna importante para a compreensão da História da China. Sua longa tradição interpretativa, e necessária circulação material, portanto, estaria no fato de a questão da produção do espaço tanto antes, lá, como aqui, agora, continuou conservada em alguma medida — por exemplo pelo seu atravessamento militar, bélico e social — sendo reconfigurada por outros processos históricos que a atravessaram.

Essa obra, por tratar de um problema bastante complexo e ser fruto de uma tradição oral longa (que só posteriormente se precipita em texto escrito), é tanto um documento histórico desse momento da História da China, como também é profunda o suficiente para possibilitar uma tradição que superasse esse momento de sua criação.



O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de nossa pesquisa. Especificamente, focaremos em sua elaboração geográfico-histórica e em história da geografia, passando pelos problemas, desafios e organização expositiva da pesquisa.

No presente texto, objetivamos apresentar sinteticamente os resultados da pesquisa de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas em 2020 e intitulada “O caminho geopolítico de ‘A arte da guerra de Sunzi’: produção do espaço, geopolítica e guerra no Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.) da China Antiga” (SOUZA NETO, 2020). Especificamente, seguiremos o seguinte caminho expositivo. Primeiramente, em “Traduções e Interpretações Contemporâneas do ‘Sunzi’”, apresentamos o contexto acadêmico atual de recepção da obra e como posicionamos nossa interpretação. Em seguida, em “Problema, Hipótese, Objetivos e Desafios da Pesquisa”, percorremos os problemas de pesquisa, os objetivos que buscamos e os desafios postos por essa pesquisa. Por fim, apresentamos a estrutura de nossa dissertação em “Resumo da Pesquisa de Mestrado”.

### **Traduções/Interpretações Contemporâneas do “Sunzi”**

O livro “A arte da guerra de Sunzi” possui uma tradição longa na China e alhures, remontando ao século IV aec. da China Antiga (YAN, 2011; MAIR, 2007). A partir de 1972, com achados arqueológicos importantes, as edições que sobreviveram ao tempo e chegaram até nós puderam ser confrontadas com outras evidências materiais a respeito do momento original de sua produção. Uma discussão importante surgida nesse contexto está aquela a respeito da autoria da obra. Esse livro não teria como autor Sunzi nem Sun Wu (AMES, 1993; MAIR, 2007), mas teria nessa figura um personagem que representaria uma tradição oral precipitada em texto escrito. Porém, essa perspectiva foi em alguma medida contestada (SAWYER, 1994), pois, de todo modo, essa obra foi tradicionalmente interpretada como sendo fruto da escrita de uma única pessoa.

Para a nossa pesquisa, adotamos a primeira perspectiva, o que nos permitiu melhor explorar algumas passagens onde se colocaria uma dificuldade epistemológica a respeito de como teriam sido construídas por uma única pessoa. A seguir, apresentamos brevemente as traduções que examinamos em nossa pesquisa. Dado que a primeira



tradução para uma língua de matriz europeia deve ter sido o português brasileiro, começemos pelas traduções apresentadas neste contexto. Em seguida, partimos para as traduções em inglês e espanhol, que também contaram com substancial trabalho interpretativo sobre o conteúdo desse livro.

### *Traduções em Português publicadas no Brasil*

A nossa exposição seguirá a ordem cronológica de produção dessas traduções. Primeiramente, a tradução de Yan (2011), que intitulou seu trabalho como “Da Arte da Guerra”, é fruto de uma pesquisa de doutorado em história defendida em 1975, cujo objetivo central foi pesquisar com viés historiográfico os achados arqueológicos recentes de 1972, sendo a tradução algo colateral, como o próprio autor frisou. Sun (2006), reconhecido jornalista, publicou uma tradução enxuta, intitulada “A Arte da Guerra”, acompanhada de texto original em mandarim simplificado e de um pequeno dicionário dos termos dessa obra. Por fim, a tradução de Bueno (2011), também intitulada “A Arte da Guerra”, é fruto de um acúmulo de discussões feitas pelo autor a respeito dessa obra e publicada em outros textos, contendo uma tradução feita para um público amplo, como uma divulgação acadêmica de uma tradução desse clássico.

### *Traduções relevantes publicadas em Inglês e Espanhol nos EUA e na Europa Ocidental*

As traduções em inglês e espanhol apresentam consigo interpretações decisivas. O trabalho de Ames (1993) se reputa como o primeiro em inglês, intitulado “The Art of Warfare [A Arte de Condução da Guerra]”, apresenta consigo uma interpretação dos achados arqueológicos recentes e do conteúdo da obra a partir de uma perspectiva filosófica. Sawyer (1994), por sua vez, publica uma tradução intitulada “The Art of War [A Arte da Guerra]” que é acompanhada por uma longa discussão sobre história militar da China Antiga e uma interpretação militarista dessa obra. Galvany (2011) publicou em 2001 uma tradução para o espanhol, intitulada “El Arte de la Guerra”, que introduz uma discussão ética a partir do livro que foca em seus aspectos econômicos. Mair (2007) apresenta uma tradução intitulada “Military Methods [Métodos Militares]”,



acompanhada de uma interpretação com base na filologia, posteriormente expandida e publicada em Mair (2008).

### **Problema, Hipótese, Objetivos e Desafios da Pesquisa**

Podemos ver que essa obra já possui uma tradição contemporânea importante de interpretações. Antes de apresentarmos nossa perspectiva de interpretação, vejamos como essa obra se apresenta a nós enquanto desafio de pesquisa. O problema central da obra é empreender a guerra de maneira econômica em um contexto onde ela se faz necessária. Fazer a guerra é um meio necessário para a ampliação econômica, mas, ao mesmo tempo, é um meio suficiente para a destruição dessa mesma economia. Esta é uma paráfrase possível da primeira passagem do primeiro capítulo da obra. Interpretações com viés ético, militarista ou econômico são possíveis e desejáveis diante dessa condição estrutural da obra.

Nossa pesquisa, diante desse quadro, partiu da hipótese seguinte. No livro “A Arte da Guerra de Sunzi” se faria presente uma elaboração geográfica e geopolítica. Essa hipótese apresentaria uma interpretação ainda não feita sobre essa obra. Porém, disso surge um importante problema da pesquisa: interpretar a geopolítica dessa obra dadas as suas condições históricas de produção, circulação e recepção. Uma obra dessa longevidade impõe desafios importantes, que serão expostos mais a frente.

O objetivo geral de nossa pesquisa, portanto, foi apresentar sua elaboração do problema geopolítico histórico que figurava em seu contexto de produção. Especificamente, e para alcançar esse objetivo principal, temos os seguintes objetivos menores. Primeiro, reconstruir o processo histórico conflituoso que configura o “Sunzi”. Segundo, compreender o diagnóstico de tempo elaborado pela obra, sua reação ao seu próprio tempo. Terceiro, interpretar a elaboração do problema geopolítico do livro como sua efetiva resistência ao seu tempo.

### **Desafios da pesquisa**

Alguns desafios se impuseram no decorrer de nossa investigação. Primeiro, a questão histórica da colonização dos saberes não-europeus (SANTOS, 2010). Como interpretar a geopolítica do “Sunzi” não pressupondo essa ciência em seu interior?



Segundo, há um deslocamento significativo entre o contexto de produção dessa obra na China Antiga e o nosso contexto de recepção atual no Brasil Contemporâneo. Como vencer a distância espaçotemporal e cultural entre nós e esse clássico? Um caminho comum para interpretar esse livro contemporaneamente tem sido ignorar o fato de que essa obra é produto de um processo histórico complexo, tratando-a como uma coisa natural, reificando-a (HEINE, 2008). Como lidar com as limitações próprias ao contexto de produção do texto? Um contorno que acreditamos equivocado é tratar o contexto de produção da obra como continuamente presente no texto, como se tivesse havido somente um registro escrito de uma história (CHAUÍ, 2017). Como negar a relação imediata ou contínua entre texto e contexto, uma relação que acreditamos positivista? Esses são desafios que guiaram nossa investigação.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Para Neil Smith (1988), a geografia é produto da história, seja esta em suas relações materiais (situações, territórios, lugares etc.), seja esta em suas relações de ideias (conceitos, obras, mapas etc.). Para investigarmos em História da Geografia, precisamos apresentar as obras que contenham essa elaboração como produtos em processos que engendram tanto uma geografia material quanto a necessidade de uma teorização sobre esta. Marilena Chauí (2017), por sua vez, nos apresenta o conceito de obra de pensamento. Seu objetivo é responder à questão da multiplicidade de interpretações a partir de uma mesma fonte teórica. Esse conceito argumentado por ela significa as obras da História da Filosofia e da Ciência como processos cuja finalidade não se encerra com apenas uma leitura. Pelo contrário, elas são abertas pela tradição que fazem parte do próprio processo interpretativo. A tradição interpretativa procura determinar aquilo que foi significado pela obra, e por isso ela é um caminho importante na elaboração de uma nova interpretação, assim como aponta Walter Benjamin (1921) ao tratar do objeto significado pela obra (filosófica, científica, artística etc.). Um critério importante para avaliar a validade de uma interpretação, visando criticá-la em seus aspectos ideológicos, é compreender como uma obra elabora sobre uma realidade histórica dada. Györg Lukács (1956) trata disso quando argumenta a respeito do problema da perspectiva, onde aponta que obras longevas são aquelas cuja perspectiva trata de problemas históricos reais (sejam no interior da cultura, na filosofia, sejam



econômicas, sociais etc.). Quando avaliamos obras fora do contexto histórico imediato daquele que as interpreta, elas podem apresentar certas incongruências. Estas são dadas por uma espécie de necessidade do leitor de encontrar, no interior da estrutura de uma obra, apenas uma estrutura que corresponda a uma obra, sublevando as contradições advindas das limitações teóricas do momento histórico de sua produção. Para superar esse problema, Antonio Candido (1965) sugere o princípio organizador como conceito-chave para superar essas aparentes contradições, sugerindo ao leitor partir de uma questão histórica que unificaria o sentido da obra, chave esta que não estaria posta necessariamente em seu interior. Deborah Cowen e Neil Smith (2009) nos apresentam a geopolítica como categoria social, o que nos permite avaliar a geopolítica a partir da sua problemática histórica, nos levando a avaliá-la como parte da produção do espaço, superando uma necessidade de avaliá-la em seus aspectos conceituais-esquemáticos. Ram Adhar Mall (2017), por fim, elabora a interculturalidade do saber, superando a necessidade de elaborarmos uma História da Filosofia e da Ciência como histórias disciplinares ou de ciências que são dadas necessariamente a partir de um conceito. Assim, a História da Geografia pode ser investigada interculturalmente. Essa perspectiva teórica permite abordar a produção cultural do “Sunzi” de modo crítico e politizado, como sugere Smith (2021) em sua crítica à virada cultural na geografia: cultura não deve ser objeto de diversão.

## **METODOLOGIA**

A metodologia do trabalho, seguindo seu aporte teórico e visando a realização de seus objetivos interpretativos, se deu nas seguintes bases. Escolhemos como fonte básica de nossa interpretação a tradução crítica do Sunzi realizada por Roger T. Ames (SUNZI, 1993) e a cotejamos com outras traduções importantes desse texto (SAWYER, 1993; MAIR, 2008; GALVANY, 2010). Para investigar o problema histórico elaborado pela obra, nos valem dos trabalhos historiográficos de Li (2013), por apresentar uma história social e cultural da China Antiga, Cheng (2008), por ser uma importante discussão sobre filosofia e cultura ao longo da história da China, Lewis (1999), por sua história social e política focada no Período de Estados Combatentes, e Li (1996), que trabalha uma história econômica da China Antiga. Além desses autores anteriores, usaremos as interpretações feitas por Ames (1993), Sawyer (1994), Mair (2008) e



Galvany (2010). A partir da elaboração desse problema, fizemos uma leitura do desenvolvimento teórico apresentado pela obra tendo como chave esse problema, um problema estratégico-militar, atravessado por questões econômicas, sociais e, sobretudo, geopolítica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa dissertação (SOUZA NETO, 2020) consistiu de, além de introdução e conclusão, 6 capítulos. O primeiro capítulo discorre sobre a tradição e a circulação históricas do Sunzi; o segundo apresenta a questão histórica do Período de Estados Combatentes como uma questão geopolítica; o terceiro, a elaboração do problema histórico a partir da própria obra; e os capítulos seguintes — quatro, cinco e seis — discutem, respectivamente, os aspectos epistemológicos, ontológicos e praxiológicos da geopolítica da obra.

Essa obra foi interpretada tendo como chave primária o problema histórico da geopolítica no Período de Estados Combatentes da China Pré-Imperial, problema este com bases econômicas e sociais cujo método de resolução última estava na guerra. Daí que a questão bélica e militar é fundamental para a compreensão da sociedade chinesa antiga (pré-imperial) e para compreendermos a formação do império chinês. Chaves estruturais foram baseadas em alguns capítulos da obra e as questões que os envolviam.

Podemos começar sua leitura pelo Capítulo 1, intitulado “Das Avaliações”. Ele começa do seguinte modo: “A guerra é uma questão vital do Estado. É o campo [*di* 地] no qual a vida e a morte são determinadas e a estrada [*dao* 道] que leva tanto à sobrevivência quanto à ruína, e tem de ser investigada com o maior cuidado” (SUNZI, 1993:73; cap. 1). A obra procura afirmar, de saída, sua importância para o problema histórico que está posto para a sua sociedade. Por outro lado, ela afirma que a guerra é central para a história dessa mesma sociedade. Alternativamente, podemos começar pelo Capítulo 2, intitulado “Do Empreendimento da Batalha”, onde a questão econômica da guerra é centralizada. Ele discute como há um dispêndio material e humano (muitas vezes tratados juntos) na mobilização de um grande exército, enfatizando as “despesas na terra natal e no campo [de batalha]” (SUNZI, 1993:76; cap. 2), sobretudo porque isso implica em mobilizar mais trabalhadores do campo agrário, que nesse momento estão sendo também empregados no campo bélico. O Capítulo 13,



em que pese ter o título de “Usando Espiões”, também trata da questão econômica, mas, dessa vez, para incluir a importância da espionagem e do testemunho em primeira pessoa para a conquista do conhecimento necessário para enfrentar os conflitos geopolíticos da época. Um quarto caminho interpretativo, que também procuramos explorar em nosso trabalho, é investigar como o Capítulo 11, “As Nove Espécies de Terreno”, é fundamental para a elaboração teórica apresentada na obra. Isso porque é nesse capítulo onde a obra implica a perspectiva dos soldados (que também são camponeses) no curso da guerra e no campo de batalha, portanto avaliando a situação deles na guerra. Especificamente, ele trata das implicações dos terrenos (ou situações) chamados de “terreno [ou situação] dispersivo” e “terreno [ou situação] mortal”, que são as situações nas quais os soldados em guerra estão próximos de seus lares e, respectivamente, posicionados diante da morte. Procuramos levar em consideração todas essas entradas na nossa análise da obra.

Quanto aos capítulos de nossa dissertação, começamos pelo primeiro capítulo, intitulado “O Sunzi hoje e na história”. A ideia desse capítulo foi compreender o contexto de recepção dessa obra, isto é, compreender quais as condições que temos atualmente para a sua interpretação. Seguindo o método proposto por Chauí (2017), investigamos a recepção e o processo de chegada dessa obra até nós através da história desde sua produção. Chauí (2017) atenta para a tradição interpretativa, o que consideramos em nosso trabalho, mas também trouxemos a circulação material dessa obra. O “Sunzi” hoje é visto como uma sensação editorial e um reino importante de pesquisas acadêmicas. Ambas essas entradas na obra, no contexto de matriz europeia, são condicionadas pela história do orientalismo. A recepção acadêmica, por outro lado, ao lidar criticamente com essa condição, também se vincula à tradição acadêmica chinesa dessa obra, que é bastante longa e a acompanha desde o início do império.

Em nosso segundo capítulo, tratamos da contextualização histórica da produção dessa obra. Nele, elaboramos o processo histórico que configurou o Período de Estados Combatentes (sécs. V–III aec.) da China Antiga, focando em apresentar os problemas ou contradições que tanto o mobilizaram quanto limitaram o seu desenvolvimento. Com isso, pudemos interpretar esse período que antecede a China Imperial como um período iminente geopolítico. Discutimos, nesse momento da dissertação, a produção do espaço enfatizando como ela estava posta de modo a fazer emergir diversas produções do espaço que entram em choque entre si, fazendo com que um território em expansão,



o da Dinastia Zhou do Leste, viesse a ser marcado por diversos conflitos onde a guerra é seu meio central. Discutimos, com isso, as questões econômicas, sociais, políticas e militares que envolveram essa história, apresentando seu desenvolvimento e entrelaçamento. Por fim, posicionamos a nossa interpretação da obra a partir de seu contexto histórico, que a produziu e condicionou, e não a partir da obra ela mesma como algo divorciado das suas condições de nascimento. Publicamos o mapa intitulado “Territórios no Período de Estados Combatentes (sécs. V–III aec.) da China Antiga” (SOUZA NETO; VITTE, 2020) como síntese cartográfica dessa discussão.

A obra que interpretamos, de fato, é fruto de trabalho coletivo. Não é possível interpretá-la como o intento de uma subjetividade individual, mas como parte de uma tradição em emergência no Período de Estados Combatentes. No terceiro capítulo, apresentamos como esse texto apresenta um diagnóstico de tempo a respeito de seu contexto. Fizemos uma leitura transversal de seus capítulos, sintetizando, com isso, a sua forma de reagir aos problemas e contradições posicionados pelos conflitos generalizados de sua época. Alguns pontos importante nesse diagnóstico apresentado pela própria obra são os seguintes: a guerra é seu problema central e ele é visto como algo contraditório; a história possui um duplo papel nesse livro, servindo tanto como autoridade de interpretação do problema em pauta quanto como objeto a ser revisto; a economia é seu princípio organizador, o que permite superar a dicotomia belicismo/pacifismo nas interpretações da obra; e, por fim, o posicionamento dela diante da divisão de trabalho entre governante de Estado e comandante militar. Essa obra apresenta uma tomada complexa do processo histórico que a envolveu.

Tendo os capítulos anteriores como fundamentos para nossa interpretação, prosseguimos com um exame detido da obra no seu desenvolvimento lógico-estrutural. Essa perspectiva agora estará condicionada pela leitura contextual e pelo diagnóstico feito por esse texto, fazendo com que cada capítulo seja o posicionamento diante dessa problemática geográfico-geopolítica. Em nosso quarto capítulo apresentamos o primeiro pilar que sustenta a elaboração de seu problema geopolítico. Nele, argumentamos que há uma espécie de epistemologia geopolítica, que envolve um procedimento de investigação do conflito baseado em análise e comparação das posições nele (Capítulo 1, “Das Avaliações”), com base em conhecimento advindos principalmente do testemunho direto (Capítulo 13, “Usando Espiões”), e fundamentados em necessidades materiais objetivas (Capítulos 2, “Do Empreendimento da Batalha”, e 3, “Planejando o



Ataque”). Com isso, a obra se inicia sublinhando a importância do conhecimento e de uma reflexão aprofundada sobre o conflito para, com ele, se proceder na sua participação efetiva, antecipando a vitória.

No quinto capítulo, abordamos como a obra elabora o que seria essa geopolítica, uma espécie de ontologia da geopolítica. Nela, o texto apresenta a configuração estrutural e processual do conflito, e como ele é um reino de contradições que precisa ser bastante considerado antes de agirmos nele. A existência da geopolítica seria compreendida por algumas concepções importantes. Primeiro, a posição estratégica, que diz respeito a uma situação onde se teria maior força que o adversário (Capítulo 4, “Posições Estratégicas”). Segundo, a vantagem estratégica, que diz respeito à realização da posição estratégica em uma nova situação onde o adversário deixaria sua posição anterior para uma outra, reconfigurando o conflito (Capítulo 5, “Vantagem Estratégica”). Terceiro, o conflito é permeado pela transformação, pela variabilidade de posições e situações, e pela inescrutabilidade, ou seja, pela possibilidade ou impossibilidade de se conhecer seu processo e seu estado atual (Capítulo 6, “Pontos Fracos e Pontos Fortes”). Por fim, o texto apresenta uma concepção decisiva sobre a vitória no conflito, apontando que ela ocorre com o desarme das armas e das estratégias adversárias, e não com a sua destruição, o que pressuporia a nossa própria destruição no processo e a anulação das questões materiais que envolveram a guerra em primeiro lugar, que está na ampliação das riquezas (Capítulo 7, “Conflitos Armados”). Essa estrutura e processualidade ontológica da geopolítica permite que o primeiro pilar possa ter uma realidade objetiva para investigar.

Por fim, o sexto capítulo. Nele, apresentamos uma interpretação do que poderíamos descrever como a praxiologia da geopolítica. Aqui, a obra apresenta como praticar o conhecimento adquirido sobre o conflito no próprio conflito investigado, possibilitando um entrelaçamento entre esses três pilares. No conflito, segundo nosso texto, há uma série de não-fazer, isto é, o conflito não seria um reino de liberdade plena e irrestrita (Capítulo 8, “Adaptando-se às Nove Contingências”). Antes de colocar as tropas do exército em conflito armado com as tropas do exército adversário, há uma série de práticas que devem ser consideradas anteriormente. Deve-se saber como bem posicionar o exército no ambiente natural, segundo as necessidades naturais do exército (Capítulo 9, “Despachando o Exército”). Deve-se também antever as configurações espaciais que podem existir na relação do seu próprio exército com o exército



adversário e a geografia presente (Capítulo 10, “O Terreno”). Com isso, a mobilização do exército no conflito se seguirá de modo mais seguro, cabendo, por fim, considerar como o nosso exército lidaria com o posicionamento do exército adversário em uma situação de possibilidade iminente de conflito armado (Capítulo 11, “As Nove Espécies de Terreno”). É justamente aqui que a obra alcança seu ápice no quesito do conflito bélico, onde seu significado bélico-militar pode ser questionado em função do acúmulo que tivemos de discussão até aqui. Por fim, a obra trata do uso bélico do fogo e da água, que dizem respeito à destruição dos recursos materiais e humanos, colocando certos aspectos da guerra em questão (Capítulo 12, “Ataque Incendiário”). Nessa discussão prática sobre o conflito geopolítico fica evidente como essa obra trata com complexidade um problema complexo como o da guerra como motor de produção do espaço da vida dessa sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para concluir nossa exposição sintética de nossa dissertação de mestrado, gostaríamos de apontar o seguinte. O contexto geográfico-histórico que configura nossa obra foi atravessado pelo conflito geopolítico. Isso apresentou um problema histórico que nossa obra tomou para si ao tratar da guerra como seu tema problemático central. De fato, há um diagnóstico do problema geopolítico nessa obra. Ele o toma a partir da guerra e é organizado pela economia, que configura o motivo de se guerrear nesse período da história da China. Para tratar desse problema complexo, a obra elabora a edificação de 3 pilares geopolíticos (investigação, estruturação e ação) sobre o problema. Seu objetivo central é o desarme das armas e das estratégias adversárias como perspectiva geopolítica (resposta ao problema), possibilitando realizar a tomada da riqueza adversária ao mesmo tempo que se preserva as próprias riquezas. Porém, essa obra possui uma limitação importante: ela é cega do ponto de vista histórico. Há uma cegueira histórica quanto à produção dos adversários geopolíticos (limitação da resposta). Isso faz com que ela, ao mesmo tempo que promova uma saída engenhosa para o problema posto pela guerra, não o resolva por completo, mantendo a rotina bélica como algo a ser constantemente repostos.



## REFERÊNCIAS

AMES, Roger T. **Sun-Tzu — The Art of Warfare**: the first English translation incorporating the recently discovered Yin-Ch'üeh-Shan texts. New York (USA): Random House, 1993.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim**: origens e fundamento do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008. Tradução de Beatriz Medina.

BUENO, André da Silva. **Sun Tzu — A Arte da Guerra**: os treze capítulos originais. São Paulo: Jardim dos Livros, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019 [1965].

CHAUÍ, Marilena. “Texto e Contexto: a dupla lógica do discurso filosófico”. **Cadernos Espinosanos**, n. 37, 2017.

CHENG, Anne. **História do Pensamento Chinês**. Petrópolis: Vozes, 2008 [1997]. Tradução de Gentil Avelino Titton.

COSTA, Wanderley Messias. **Geografia Política e Geopolítica**: discursos sobre o território e o poder. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2013 [1991].

COWEN, Deborah & SMITH, Neil. “After Geopolitics? From the Geopolitical Social to Geoeconomics”. **Antipode**, v. 41, n. 1, jan. 2009. pp. 22-48.

DARBY, Henry Clifford. “The Problem of Geographical Description”. **Transactions and Papers** (Institute of British Geographers), n. 30, 1962.

DARBY, Henry Clifford. “On the Relations of Geography and History”. **Transactions and Papers** (Institute of British Geographers), n. 19, 1953.

GALVANY, Albert. **El Arte de la guerra**. 7. ed. Madrid (España): Trotta, 2010 [2001].

HEINE, Steven. “From Art of War to Attila the Hun: a critical survey of recent works on philosophy/spirituality and business leadership”. **Philosophy East and West**, v. 58, n. 1, jan. 2008. pp. 126-143.

LEWIS, Mark Edward. “Warring States: political history”. In: LOEWE, Michael & SHAUGHNESSY, Edward L. **The Cambridge History of Ancient China**: from the origins of civilization to 221 b. c. New York (USA): Cambridge University, 1999.

LI Feng. **Early China**: a social and cultural history. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2013.



LI Jun. **Chinese Civilization in the Making**, 1766-221 BC. London (UK): Macmillan; New York (USA): St. Martin, 1996.

LOEWE, Michael; SHAUGHNESSY, Edward L. **The Cambridge History of Ancient China**: from the origins of civilization to 221 b. c. New York (USA): Cambridge University, 1999.

LUKÁCS, György. “O Problema da Perspectiva” [1956]. In: LUKÁCS, György. **Marxismo e Teoria da Literatura**. 2. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MAIR, Victor H. **Soldierly Methods**: vade mecum for an iconoclastic translation of Sun Zi bingfa. Sino-Platonic Papers, n. 178, feb. 2008.

MAIR, Victor H. **Sun Zi’s Military Methods**. New York (USA): Columbia University Press, 2007.

MALL, Ram Adhar. “Intercultural Philosophy: a conceptual clarification along with its application in teaching and research beyond the limits of the Western philosophical tradition”. **IV Jornada de Filosofia Oriental da USP** (Manuscritos). Dez. 2017.

NOBRE, Marcos. **Como nasce o novo**: experiência e diagnóstico de tempo na ‘Fenomenologia do espírito’ de Hegel. São Paulo: Todavia, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SAWYER, Ralph D. **Sun Tzu — Art of War**. Colaboração de Mei-Chün Lee Sawyer. New York: Basic Books, 1994.

SMITH, Neil. “A diversão da cultura: a política da geografia cultural”. **Revista Geografias**, v. 29, n. 1, 2021. pp. 331–347.

SMITH, Neil. “For a History of geography: response to comments”. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 78, n. 1, 1988.

SOUZA NETO, João Alves de. **O caminho geopolítico de ‘A arte da guerra de Sunzi’**: produção do espaço, geopolítica e guerra no Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.) da China Antiga. 2020. 1 recurso online (195p.). Dissertação (mestrado) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP.

SOUZA NETO, João Alves de; VITTE, Antonio Carlos. “Territórios no Período de Estados Combatentes (sécs. V–III aec.) da China Antiga”. **Revista Kosmos**, v. 4, 2020b.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

**GEOGRAFIA**

EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

SUN, Adam. **A Arte da Guerra — Sunzi (Sun Tzu)**. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2006.

SUNZI. **The Art of Warfare**. Tradução de Roger T. Ames. New York (USA): Random House, 1993.

YAN, Kee Wing. **Da Arte da Guerra**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011 [1975].